

“O BRASIL FORA DO BRASIL”. A MANEIRA ITALIANA DE VER O BRASIL (1500-1945)

Nello Avella

Universidade de Roma — “La Sapienza”

“Il n'est pas de ville du monde où la République du Brésil ait été si mal jugée et soit si mal connue qu'à Rome”, lamentava-se um diplomata brasileiro ao final do século passado em missão na Itália (Badaró: 1895, p. VII).

Hoje, passados pouco menos de cem anos, essas palavras poderiam ser retomadas para sintetizar o nível de conhecimento que o leitor médio italiano possui dos fatos históricos do Brasil e de sua condição atual. Não faltam obras importantes e contribuições originais, mas trata-se em geral de estudos e pesquisas relativos a episódios específicos, ligados à presença de figuras e personagens italianas, ou de qualquer modo ligados a eventos da nossa história. Temos pois, só para citar alguns exemplos extraídos da historiografia oittonovecentista, os estudos sobre Américo Vesúcio de Magnaghi (Magnaghi: 1924), as pesquisas de Gorrini sobre Baccio da Filicaja (Gorrini: 1904), as indagações de Doria sobre a participação de soldados napolitanos na guerra contra os holandeses (Doria: 1932), as observações de D'Atri sobre algumas analogias entre o autoritarismo reinante na Itália durante o governo de Francesco Crispi e o conservadorismo reacionário imposto ao Brasil pela camarilha ligada ao Marechal Floriano Peixoto (D'Atri: 1890 e 1895-1896).

E ainda, no que diz respeito à bibliografia relativa ao Brasil, temos uma rica produção sobre a emigração italiana.

Mas, salvo essas exceções, tem-se a sensação de que, na consciência histórica italiana, seja fadigoso fazer emergir uma visão crítica em que o Brasil, como objeto que sofre os acontecimentos e vive sem luz própria (neste caso em relação a fatos e problemáticas em que o centro dinâmico fosse o nosso país), se transforme em um sujeito autônomo da história, mesmo tendo presente todas as possíveis conexões e interdependências que assinalam a vida das nações modernas; ainda mais em uma época como a nossa, caracterizada pela presença de sistemas cada dia mais integrados a nível político, econômico e social.

A que se deve tudo isso?

No final do século XVI, em um contexto que via os ambientes intelectuais europeus empenhados em vivos debates provocados pelo impacto entre o Velho e o Novo Mundo com todas as relativas implicações antropofílicas, Giovanni Botero, querendo talvez estigmatizar uma certa preguiça dos homens de cultura italianos, depois do fervor inicial, em confronto com aquelas problemáticas, sustentava que “*noi italiani siamo troppo amici di noi stessi e troppo interessati ammi-*

ratori delle cose nostre, quando preferimo l'Italia e le sue città a tutto il resto del mondo" (Botero, *Della ragion di Stato*, ed. de L. Firpo, 1948, p. 196).

Na verdade, aquela reflexão dos próprios intelectuais italianos não era que um sintoma de mal-estar que atingia as mentes mais sensíveis da península: a involução política e econômica dos estados italianos havia embocado em uma via sem retorno, e frente ao caos e à desordem muitos "literatos" refugiavam-se na orgulhosa exaltação do ordenamento civil de algumas cidades italianas, principalmente Veneza. E essa tendência em geral fazia-se acompanhar da rejeição a tudo aquilo que fosse "primitivo", em um contraste radical com aqueles que, como Montaigne, evidenciavam e exaltavam o estado "natural" dos povos americanos.

Não é de se maravilhar se a atenção do público italiano em relação às coisas do Brasil, suscitada inicialmente pelos relatos de viagens de numerosos navegadores e homens de negócios, reavivada na metade do século pela publicação do corpus de Ramusio, juntamente com as traduções de obras portuguesas feitas pelo espanhol naturalizado veneziano Alfonso Ulloa, além da *França Antártica* do francês Andrés Thetvet, vai-se atenuando gradativamente. A informação sobre aquilo que muitos ainda chamavam de "Ilha de Vera Cruz" chegava até nós, até o final do século XVI, quase que exclusivamente através de religiosos que iam em missão de catequese às terras do além-mar: em primeiro lugar, os "soldados" da companhia fundada por Ignácio de Loyola, aos quais se deve grande parte da colonização da América Latina.

As suas cartas, expedidas sob forma de "avisos" à casa madre, eram agrupadas, traduzidas e amiúde publicadas, e constituem hoje para nós um precioso instrumento de informações.

No início do século XVII, o "espanholismo" dominante na cultura italiana havia relegado o Brasil a uma espécie de limbo cognoscitivo, também em relação à decadência e diminuição de prestígio do império português. Aquele país longínquo, habitado por seres rudes e desprovidos de regras de convivência civil, conotava-se aos olhos do leitor médio italiano como um território ao extremo limite do humano, apto somente a incursões de aventureiros e piratas ou a acometidas missionárias dos jesuitas e outras ordens religiosas, senão até mesmo como uma região anecumênica onde era impossível o consórcio humano. Nada similar àquilo que os publicistas propagandeavam com riqueza de particulares sobre os domínios espanhóis: admiravam-se, de fato, da grandeza dos impérios do México e do Peru. De suas estradas, construções, tesouros, ordenações judiciais e políticas; civilização essa que não tinha nada a invejar dos gregos e dos romanos.

Significativamente é exatamente no ano de 1600 que Tommaso Campanella compõe a sua *Monarchia di Spagna*. Ele delinea o quadro utópico de um reino universal em que a justiça e a felicidade pública fundem-se na dignidade igual para todos os súditos de todas as partes do mundo e, portanto, também das Américas.

A obra do pensador calabrês, à parte o seu significado intrínseco, tem um valor emblemático para o propósito do nosso tema. Ela representa de fato um comportamento mental que acabará tornando-se uma verdadeira constante no pensamento historiográfico italiano, onde a presença espanhola, relativamente à América Latina, assumirá gradativamente um peso sempre maior e ao Brasil será atribuído um papel secundário. A colônia portuguesa, periferia de um sistema também excêntrico, será vista cada vez mais como um apêndice "espúrio" em relação à "homogeneidade" da América hispanófono: a diversidade lingüística e cultural, antes que estímulo ao

57

aprofundamento crítico, será amiúde motivo de emarginação e de mal-entendimentos.

Essa visão "ancilar" da história brasileira, entendida quase como uma variante menor em relação ao grande fluxo hispânico, ainda está radicada no nosso país e pode ser encontrada seja a nível de livros escolares ou não, seja em obras cientificamente mais sérias e meditadas, onde estão reservados ao Brasil espaços limitados e sempre como apêndice ao resto do sub-continente americano.

Um raro interesse e uma atitude hispanocentrista prejudicam gravemente, durante todo o século XVII, a informação do público italiano sobre o Brasil. Acontecimentos de grande porte como a ocupação holandesa no Nordeste e as relativas campanhas militares de libertação (1624-1654) tiveram na Itália, diferentemente que no resto da Europa, repercussões bem modestas, limitadas a escassas comunicações diplomáticas e a troca de notas entre as várias



secretarias de Estado. A atenção dos observadores e dos estudiosos era atraída pelos graves problemas que lhes diziam respeito mais de perto; e quanto aos acontecimentos daquelas terras longínquas contentaram-se com as sumárias notícias contidas na breve *Relatione* traduzida para o italiano por Pizzuto do original de Francisco Avedañó y Villela. É significativo o fato de que o assunto da própria *Relatione* seja um episódio fortemente ampliado pelos publicistas espanhóis da época (basta pensar na comédia de Lope de Vega intitulada *El Brasil restituído*): naquele momento, depois da anexação do Reino de Portugal à Espanha (1580-1640), o Brasil era de fato colônia espanhola, e a perda e a reconquista da cidade de Salvador da Bahia (1624-1625) inseria-se no contexto do conflito em escala mundial entre a coroa de Habsburgo e os "rebeldes" holandeses.

A *Relatione*, mesmo na sua prosa definhada e essencial a modo de gazeta informativa, exprimia o orgulho espanhol e exaltava o valor dos soldados de Felipe IV, deixando em segundo plano a participação portuguesa e dando um escasso relevo às empresas de Manuel de Menezes.

Teve que se esperar mais de 70 anos para ter, em italiano, uma análise dos fatos vistos da parte dos portugueses. Em 1698 saía em Roma a *Istoria delle guerre del regno del Brasile*, do frade carmelita descalço João José de Santa Theresa, português de nascimento. Ele, dirigindo-se ao leitor na nota introdutória, diz sem meias palavras que havia escrito sua obra com o propósito de apresentar ao público italiano uma imagem de Portugal e do Brasil menos deformada que aquelas que então circulavam, e para rebater os erros "in cui inciamparono alcuni che i successi di Porto gallo in lingua latina, e volgare scrissero guidati da notizie false, avute da mal'informati, o istillategli da mal'affetti" (p. IV). Onde é claro que, se a descrição em latim dos "sucessos" identifica-se com a *Rerun*

per octennium in Brasilia do holandês Kaspar Van Baerle (Amstelodami, 1641), as escritas em “vulgar” são para procurar sobretudo na produção castelhana.

Com efeito, o livro está tomado por uma sutil mas sensível aversão aos espanhóis, e não por acaso a parte mais aprofundada é aquela que vai desde a restauração da independência portuguesa, com a vinda ao trono de Dom João IV da dinastia de Bragança, até a conclusão da guerra e os tratados de paz. A concepção historiográfica e a organização do livro são ainda tipicamente barrocas, baseando-se no conceito de “grande teatro do mundo” e apontando principalmente à “moção dos afetos”; a narração desenrola-se dentro de uma suntuosa cenografia em que se alternam os vários “quadros” que representam o “*arriuar un non vasto Reame alla smisurata potenza di una florida Monarchia: crollar in un tratto ad una quasi intiera depressione, e rifiorir nuouamente alle pristina felicità*” (p. 4).

Mesmo com todas as suas limitações (entre outras repropõe a tese habitual, de resto óbvia para um religioso, de que a expansão portuguesa e a descoberta e conquista de novos mundos tivessem o objetivo de “*metterli in grembo a Chiesa Santa illustrati da christiani chiarori*”), a *Istoria* de Santa Theresa é a obra mais completa sobre o Brasil aparecida na Itália desde a época das descobertas. A primeira parte do livro dá um amplo panorama das peculiaridades de Portugal e da sua cultura, junto à descrição detalhada das características geográficas, antropológicas e históricas da colônia; ademais, várias cartas geográficas das várias províncias, plantas de portos e cidades, aspectos e panoramas que constituem um aparato iconográfico de não-descuidado valor.

No entanto, o acolhimento do público não deve ter sido muito encorajador, visto que a edição de 1698 de *Istoria* foi a única.

Desinteresse e desinformação continuaram a circundar o Brasil na época das “luzes”, mesmo se houve em circulação alguns dicionários geográficos de diferenciado valor (Ferrari, Moreri, Pivati, além das traduções dos vários Boudrand, Maty, Martiniere, Eccard e do assim chamado “Anonimo Gazzettiere Americano”). O mais importante foi sem dúvida o *Dizionario storico-geografico dell’America meridionale*, obra em dois tomos do jesuíta Giandomenico Coletti, que surgiu em Veneza no ano de 1771. Aqui, a disposição racionalista do autor, que esteve como missionário por um longo período na América do Sul, transparece desde o início (“advertência ao leitor”), quando ele afirma que, não obstante a quantidade de escritos que dizem respeito à América, “*la Stòria Geografica dell’America Meridionale non per tanto se ne sta quasi interamente al bujo, e pochissime sono le cognizioni, che finora ne abbiamo*”, portanto é necessário enfrentar o estudo com moções e sistemas “*diretti da lumi migliori*” (p. 2). Esse método novo consistiria, segundo Coletti, em um reexame crítico de todos os escritores do passado em confronto com os modernos, valendo-se da própria experiência direta e das informações e sugestões obtidas de “*persone erudite e imparziali esistenti ne’ luoghi, e paesi*” que devem ser descritos, enfim, consultando documentos e manuscritos de arquivos civis, eclesiásticos e privados.

Não obstante as boas intenções, o *Dizionario* resulta bastante carente sobretudo nos verbetes que dizem respeito ao Brasil, dos quais deduzem-se informações históricas muito reduzidas e não-privadas de erros. Uma vez mais manifesta-se a tendência de ver os fatos latino-americanos através da ótica da centralidade espanhola, tendência que transparece em numerosos detalhes. Se a descoberta é atribuída ao espanhol Vicente Yáñez Pinzón, o português Pedro Álvares Cabral só chega por último, tranqüilamente em 1502. Há pois a deformação castelhanesca de nomes, de

AT

lugares, e de objetos, o que contrasta com a promessa feita na introdução, de querer restaurar-lhes a grafia correta, visto que amiúde esses resultam “*sfigurati in guisa, che perdono o il significato, che hanno, o’l suono, per cui sono distinti da chi parla, o intende gl’Idiomi di que’ paesi*” (p. IV). Enfim, esse comportamento encontra confirmação em uma particularidade tipográfica, para a qual teremos os verbetes de “*luoghi soggetti ad altre Corone, che a quella di Spagna, segnate con una nota marginale, acciò facilmente si distinguano dagli altri appartenenti a quella Monarchia*” (p. V).

É na segunda metade do século XIX, depois de completada a unificação italiana, que se reacende o interesse da nossa historiografia em relação ao Brasil, como efeito da emigração, seja na sua forma de força de trabalho que “*andava in Merica*” em busca de um resgate pela pobreza atávica, seja no elemento político, que havia sido obrigado ao exílio mais ou menos voluntário à causa da participação nas vicissitudes relacionadas ao “*Risorgimento*”, ou por questões conexas ao empenho social.

Assiste-se a um proliferar de livros e opúsculos em que as notícias históricas vêm quase sempre acompanhadas de amplas descrições da beleza da paisagem das dimensões “gigantescas” do país, das riquezas do subsolo, da magnificência da vegetação, da variedade da fauna, da salubridade do clima. Nasce assim um gênero que teve uma longa duração aqui na Itália: o do volume com aspirações “onicompreensivas”, em que junto à parte histórica, normalmente breve e escassamente aprofundada, são tratados os vários aspectos da morfologia geopolítica, etno-antropológica, econômica e social do Brasil. O tom dominante é de uma atônita admiração, filha natural das visões edênicas propagadas pelos primeiros exploradores e de tanta literatura de catequese; o objetivo é, por um lado, pedagógico, enquanto, como explicava Rovere em 1877, que esses escritos

dirigem-se quase sempre a “*quella classe di cittadini, la quale, per dover col lavoro procacciarsi la propria sussistenza, meno comodità e tempo ha per dedicarsi allo studio*” (p. 1); e por outro lado, declaradamente propagandístico com propósito à imigração, como demonstra alguns anos mais tarde Alberto Gervais (1908) apresentando o seu livreto sobre *La repubblica degli stati uniti del Brasile*, quando diz tê-lo escrito para que os leitores “*possano farsi una idea completa di quanta importanza sia questo continente latino americano, e quante miserie può esso lenire a coloro che onestamente qui vengono a lavorare, perché all’incanto della natura si unisce l’afabilità e generosità del popolo brasiliano*” (p. 6).

Essa visão que definimos “ancilar” da história brasileira assume uma ulterior conotação de suporte, tornando ainda mais difícil a compreensão da sua complexidade e especificidade. Tanto que, quando Fabbriatore, quase “*in medias res*” e com um toque de reportagem jornalística, apresenta a sua reconstrução de *La rivoluzione del Brasile. Il 15 novembre 1889*, a sua maior preocupação é a de tranquilizar o público italiano afugentando “*gl’immancabili dubbi e sospetti derivanti da una rivoluzione, le cui fasi, più minute e necessarie a conoscere, si possono sperdere nel grande spazio che ci separa*” (p. 11). E então, visto que “*il Brasile è la terra che più conviene all’emigrazione italiana*” (p. 62), “*non si arresti l’emigrazione, in Italia*”, dado que “*è la libertà individuale che reclama tale diritto*”, sem continuar a “*torturarci le menti per dare all’operaio molta istruzione, quando esso ha bisogno di pane, a concedergli dei diritti uguali a tutti i cittadini, quando esso domanda lavoro...*” (pp. 74-75).

O conservadorismo de Fabbriatore é representativo de uma mentalidade bastante difundida entre aqueles que, entre o final do século XIX e o início do século XX, ocuparam-se de história do Brasil. Colocavam

em evidência os aspectos que pudessem resultar agradáveis ao leitor italiano, preferencialmente buscando raízes no passado, com o intento de fazer passar a segundo plano a realidade de fadiga e de desfrutamento que muitos imigrantes iam encontrar. A imagem mais propagandeada era a do país tranqüilo e pacífico, no qual as mudanças sociais e políticas, mesmo se mais radicais, como a conquista da independência de Portugal e a



passagem da monarquia à república, aconteceram sempre sem derramamento de sangue e negando-se a recorrer à violência. Nessa visão idílica de seu passado e presente, o Brasil passa a ser progressivamente para os vários autores *Il paese dell'avvenire* (F. Bianco, 1922), *Il Gigante Giacente* (M. Bernardez, 1944), *La terra incantata* (L. Galvani, 1948), a *Terra dell'avvenire* (S. Zweig, trad. it. de M. Merlini, 1949), a *Nuova terra promessa* (F. Rutigliani Guidi, 1957).

A oleografia da terra feliz e acolhedora era em conformidade à moderação de seus governantes. As qualidades humanas e políticas do imperador Dom Pedro II, seus interesses culturais e científicos, o seu amor pela Itália, fizeram-no protagonista de uma literatura apologética profundamente popular, que tirava força até de seu casamento com a princesa Teresa Cristina Maria di Borbone, irmã de Ferdinando II rei de Nápoles. A ele, estrênuo e fiel defensor da Constituição, que quis muito a abolição da escravidão, que numa viagem à Itália havia desejado homenagear Alessandro Manzoni, Rovere dedicava ainda uma página que se pode considerar um clássico desta literatura:

"L'Imperatore Dom Pedro II è alto e robusto, con viso abbronzato e la barba tagliata a corona sotto il mento. Dignitoso il portamento e snelle le movenze della persona. Il suo carattere è docile e l'indole è mite. Modesto qual è nelle sue abitudini, nei lunghi e continui suoi viaggi che imprende per allargare sempre più la sfera delle sue cognizioni, vive senza quel fasto che l'alta dignità del suo grado comporterebbe."

(Rovere: 1877, p. 16)

E ainda, continuando no tema da apologia, será necessário mencionar o já citado Alberto Gervais, o qual afirma que "*il secolo XIX ricorda al Brasile i più bei tempi di Pericle, di Augusto, di Leone X e di Luigi XIV. Pietro II aprì alla sua patria una nuova epoca, favorendo le arti, le scienze e le lettere, e sarebbe giusto che questo secolo prendesse il suo nome*" (Gervais: 1908, p. 100).

Parece ouvir o eco do filão prosopopéico e auto-insensatório presente na cultura do país transoceânico, e não é talvez por acaso se um dos textos sacros desse filão, *Porque me ufano do meu país* de Afonso Celso, tinha sido solicitadamente traduzido para o italiano em 1903.

Mitização e recurso ao estereótipo são técnicas recorrentes também nos anos 30 e 40. O peculiar clima nacionalista e militarista imposto pelo fascismo revela-se na escolha dos temas e no modo de afrontá-los. Tivemos então, em 1938, um livro incumbido por Badoglio ao general Rodolfo Corselli, que tinha sido embaixador da Itália no Rio, em 1924, intitulado: *La guerra americana della Triplice Alleanza contro il Paraguay* que resulta ser um resumo coordenado de numerosas publicações alemãs, inglesas, argentinas, brasileiras e paraguaias sobre a guerra de 1865-1870. O volume, provido de mapas topográficos relativos aos lugares que foram cenário dos combates, apresenta aqueles acontecimentos bélicos como exemplos de "arte militar", em que predominaram as figuras dos chefes e dos comandantes (da parte brasileira, primeiro o Duque de Caxias e depois o Conde D'Eu). Encerrado sumariamente o problema das causas da guerra, o livro estende-se num exame das táticas e estratégias usadas pelos vários generais, onde se evidenciam enfaticamente as "virtudes heróicas", ou condenam-se impiedosamente os erros militares.

Há também o trabalho dos publicistas ligados diretamente ao regime, que exaltam no Brasil de Getúlio Vargas o "*paese dell'ordine e della disciplina*", o qual "*va sempre più organizzando il suo lavoro su basi corporative, mentre rappresenta una porta chiusa alle teorie dissolvitrici dell'idea bolscevica*". São exaltadas as analogias entre os dois sistemas políticos e indicadas as

metas de grandeza e potência garantidas, seja para a Itália como para o Brasil, sob a firme guia de "*un Uomo dal pugno sicuro*" (Araldi: 1939, p. 35).

Em 1939 é publicada, sob encargo do "Istituto Italo-Brasiliano di Alta Cultura", a tradução da *História da civilização brasileira* de Pedro Calmon. A escolha da obra é indicativa pois nesta está fortemente evidenciada a importância do elemento italiano na civilização brasileira, a começar por Américo Vespúcio. A propósito deste último, a sua prioridade na descoberta da "Terra dos papagaios" é reafirmada com veemência dois anos mais tarde por Magnaghi (Magnaghi: 1941).

Ao clima de conformismo acritico e laudatório daquele período, foge a *Stòria dell'America Latina* publicada em 1937 por Gino Doria. Mesmo se advém da tradicional tendência hispanocentrista, a *Stòria* de Doria, influenciada pelas teorias de Benedetto Croce, é uma tentativa séria de reconstruir o percurso histórico da nação brasileira, seguindo o desenvolvimento das idéias de liberdade e independência. A emancipação política do Brasil é vista como o produto de um conjunto de forças diferentes mas que correm juntas na direção dos mesmos ideais, aos quais deram uma contribuição insubstituível os patriotas italianos da época do "Risorgimento", a começar pelos emigrados políticos que fugiam dos "tiranos domésticos" de Nápoles, Módena, Turim de 1920-1921 a 1934, bem como Zambecari, Anzani, Rossetti e sobretudo Garibaldi.

BIBLIOGRAFIA

- AVENDAÑO Y VILELA, Francisco de — *Relatione del Viaggio et Svccesso Dell'Armata, che per ordine della Maestà Cattolica andò al Brasil à discacciarne gl'Inimici, che l'haueuano occupato. Con la Capitulazione della resa, Fatta da Don Francesco de Auendano, & Vilela, che si trouò in tutto il successo di Mare, e di Terra, tradotta di Spagnolo in Italiano dal Sig. Gio. Francesco Pizzuto.* In Roma, Per il Grinani. 1625, pp. 8, cm 18.

SANTA THERESA, Giovanni Giuseppe di (João José de Santa Theresa) — *Istoria Delle Guerre Del Regno Del Brasile accadute Tra La Corona di Portogallo e La Reppublica di Olanda Composta ed Offerta Alla Sagra Reale Maestà di Pietro Secondo Re di Portogallo & c. Dal P. F. Gio: Giuseppe di S. Teresa Carmelitano Scalzo*. In Roma, Nella Stamperia degl'Eredi del Corbelletti Con Licenza de' Superiori Anno MDCXCVIII. M.I, 236; II, 211 cm 32,5

COLETI, Giandomenico — *Dizionario storico-geográfico dell'America meridionale*. In Venezia, Nella Stampeza di Sebastian Coleti, 1771.

Costituzioni dell'Impero del Brasile e del Regno del Portogallo decretate da S.M.I.D. Pietro Primo, Lugano, tip. Vanelli, 1826, p. 68.

ROVERE, Claudio — *L'impero del Brasile. Breve cenno geográfico e storico seguito da un sunto biográfico del regnante Don Pietro II d'Alcântara*, Roma, s.e., 1877, p. 16.

FABBRICATORE, Carlo — *La rivoluzione del Brasile, Il 15 de novembre 1889*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1889, p. 113.

D'ATRI, Alessandro — *L'ottantanove in Brasile*, Napoli, Michele d'Auria, 1890, p. 91, cm. 20.

Uomini e cose del Brasile — Napoli, Stabilimento Tipográfico Cavaliez Aurelio Tocco, 1895-1896.

BADARÓ, Francisco Duarte Coelho — *L'Eglise au Brésil pendant l'Empire et pendant la République*, Roma, Stabilimento Bontempelli, 1895.

CELSO, Affonso de Assis Figueredo conde de — *Perché sono orgoglioso del mio paese*, trad. di Giuseppe Gaia, Torino, Tip. Origlia, 1903, p. 192, 1 tav., cm 18,5.

Outra edição:

Perché mi vanto di essere brasiliano (Meraviglio e gloria del Brasile), trad. por Luigi Gardini, Roma, Pubbl. dell'Istituto C. Colombo, 1930, pp. VIII + 196 (Com dedicatória manuscrita ao Papa Pio XI) cm. 19,5.

GORRINI, Giacomo — *Un viaggiatore italiano nel Brasile. Baccio da Filicaja (1565-1609)*, Roma, Accademia dei Lincei, 1904, p. 18.

GERVAIS, Alberto — *La repubblica degli Stati Uniti del Brasile (America Latina)*, Milano, Paolo Carrara Editore, 1908, p. 211, cm. 17.

GUARNIERI, Giuseppe Gine — *L'ultima impresa coloniale di Ferdinando dei Medici. La spedizione R. Thornton al Rio Amazonas, all'Orenoco, all'isola di Trinidad*, Livorno, Meucci, 1910, p. 101, cm. 23.

SIGHIERI, Alessandro — *Il Brasile dalla scoperta della costa e confini interni al suo odierno sviluppo*, cf. 4.4 e 4.5.

HALTADONN, G. — *Storia dell'Italia e del Brasile*, Palermo, Tip. Pezzino, 1918.

DUSI, Bartolomeo — *Il codice civile del Brasile (Note di studio)*, Modena, Soc. tip. modenese, 1921, p. 157, cm. 23.

MONACHESI, G. — *Piccola storia del popolo brasiliano*, Milano, Vallardi, 1923, p. 150, cm 18.

- MAGNAGHI, Alberto — *Amerigo Vespucci. Studio critico, con speciale riguardo ad una nuova valutazione delle fonti, accompagnato dai documenti non ancora pubblicati dal codice Vaglianti (Riccardiano 1910)*, Roma, Pubblicazioni dell'Istituto Cristoforo Colombo, 1924.
- Amerigo Vespucci, primo scopritore del Brasile*, Torino, Reale Accademia delle Scienze, 1940-1942 (1941), p. 72.
- ZOLI, C. — *America del Sud*, Roma, 1928.
- DORIA, Gino — *I "tercios" napoletani nelle guerre del Brasile*, Napoli, 1930.
- I soldati napoletani nelle guerre del Brasile contro gli Olandesi, 1625-1641*, Napoli, Ricciardi, 1932, p. 31, cm. 24,5.
- Storia dell'America Latina (Argentina e Brasile)*, Milano, Hoepli, 1937, p. XXIII + 298 cm 19.
- Viaggiatori brasiliani in Italia*, in Riv. d'america e d'Italia, III, 18.
- La Nuova Costituzione della Repubblica degli Stati Uniti del Brasile promulgata il 16 luglio 1934*, Traduzione di Giuseppe Alpi, Roma, St. Tip. Europa, 1935, p. 91, cm 23,5.
- OLSCHKI, Leonardo — *Storia letteraria delle scoperte geografiche, Studi e ricerche*, Firenze, L.S. Olschki, 1937, p. 231, cm 26.
- CORSELLI, Rodolfo — *La guerra americana della triplice alleanza contro il Paraguay* — Prefazione del Maresciallo Badoglio, Modena, Tipografia della R. Accademia di Fanteria e Cavalleria, 1938-XVII, p. XV + 614, cm 23.
- CALMON, Pedro — *Storia della civiltà brasiliana*, traduzione di Ferruccio Rubbiani, Rio de Janeiro, Industria Tipografica Italiana, 1939, p. 318, cm 20.
- ARALDI, Vinicio — *Il Brasile sotto la presidenza di Getulio Vargas*, Roma, La Filosofica, 1939, p. 39, cm 17.
- PASZTOR, Lajos (a cura di) — *Guida delle fonti per la storia dell'America Latina negli archivi della Santa Sede e negli archivi ecclesiastici d'Italia*, Città del Vaticano, Archivio Vaticano, 1970, p. 665, cm 24, Sotto gli auspici dell'UNESCO e del Consiglio Internazionale degli Archivi.
- SCARANO, Paolo — *L'America Latina dalla fondazione degli imperi coloniali spagnolo e portoghese all'epoca presente*, Milano, Vallecchi, 1975, p. XXII + 619, cm 29.
- LODOLINI, Elio (a cura di) — *Guida alle fonti per la storia dell'America Latina esistenti in Italia*, Roma, Direzione Archivi di Stato, 1976, p. 423, cm 22.